

O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: EXPERIÊNCIA PRÁTICA

Elannia Cristhina Idelfonso Lins¹
Marcela Moura Torres Paim²

RESUMO: Neste trabalho, apresentam-se as contribuições da Dialetoлогия para o ensino por meio do uso do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) na sala de aula. Tomam-se por base os trabalhos sobre a Dialetoлогия e o Ensino, de Cardoso (2010) e xxxx (2019), que dão conta das reflexões teóricas sobre a importância do ensino da diversidade da língua portuguesa falada no Brasil, e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No que se refere aos procedimentos metodológicos, são utilizadas cartas lexicais para elaboração de diferentes atividades. Os resultados parciais obtidos, a partir de uma aplicação dessas atividades preliminares em oficinas de variação e ensino, no âmbito de cursos de extensão, na Universidade Federal Rural de Pernambuco, revelam que explorar o ALiB proporciona o conhecimento da pluralidade do português, bem como a conscientização acerca da importância do combate ao preconceito linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetoлогия. Ensino. Atlas Linguístico do Brasil.

THE LINGUISTIC ATLAS OF BRAZIL AND PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING: PRACTICAL EXPERIENCE

ABSTRACT: In this work, the contributions of Dialectology to teaching are presented through the use of the Brazilian Linguistic Atlas (ALiB) in the classroom. Based on the work on Dialectology and Teaching, by Cardoso (2010) and xxxx (2019), is based on theoretical reflections on the importance of teaching the diversity of the Portuguese language spoken in Brazil, and the Brazil's National Common Curricular Base (BNCC). With regard to the methodological procedures, lexical maps are used to prepare different activities. The partial results obtained, from the application of these preliminary activities in variation and teaching workshops, within the scope of extension courses, at the UFRPE, reveal that exploring the ALiB provide knowledge of plurality of Portuguese, as well as raising awareness about

1 Mestranda em Estudos da Linguagem (Universidade Rural de Pernambuco. E-mail: elannialins@gmail.com)

2 Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Bahia, docente no Programa de Pós-graduação Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: marcelamtpaim@yahoo.com.br

the importance of combating linguistic prejudice.

KEYWORDS: Dialectology. Teaching. Linguistic Atlas of Brazil.

INTRODUÇÃO

A língua é variável e manifesta-se de maneira diversa. Conforme xxxx (2019, p. 29), “Tudo é diverso no universo. Inclusive, os usos da língua”. Sendo assim, é inadequado conceituar a língua portuguesa como homogênea e unitária, como explicam Weinreich, Labov e Herzog (1968), pois isso não corresponde com a realidade, uma vez que ela é formada por variedades linguísticas, como todo sistema linguístico.

Essas variedades podem ser reconhecidas na história dos grupos de falantes, dos fatos transcorridos no tempo (variação histórica) e da sua dispersão pelo espaço (variação regional). Segundo Cardoso (1994), a língua é um instrumento social de comunicação e reflete a diversidade e a variabilidade dos usos do povo que a fala. Seguindo esse mesmo raciocínio, as variações linguísticas são explicadas através das diferenças históricas, sociais e culturais presentes em cada região do Brasil. Nessas comunidades, também, é possível reconhecer uma estratificação da fala a partir das variáveis de sexo, faixa etária, escolaridade e posição geográfica.

Nesse contexto, pesquisadores brasileiros, em um esforço conjunto, iniciaram o mapeamento da diversidade linguística falada no país. Assim, nasceu o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o qual possui sede na Universidade Federal da Bahia, além de contemplar outras instituições. A rede de pontos do ALiB é constituída por 250 localidades, seguindo critérios demográficos, históricos e culturais, cujos dados foram coletados in loco, por uma equipe composta de

cerca de 30 entrevistadores, selecionados pelo Comitê do Projeto, que teve, de 1996 a 2018, como presidente e como diretora executiva, respectivamente, as professoras Suzana Alice Marcelino Cardoso e Jacyra Andrade Mota.³

Com o intuito de contribuir para o conhecimento da realidade linguística do português, o Projeto ALiB proporciona, aos professores educadores, nos estudos linguísticos, um considerável volume de dados que permite aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua, além de otimizar e motivar propostas pedagógicas em sala de aula. Seus volumes iniciais impressos foram publicados em outubro de 2014, no III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (CIDS), ocorrido na Universidade Estadual de Londrina, representando um marco, do ponto de vista cartográfico, por ter sido concebido para utilização em Sistemas de Informações Geográficas⁴. Em

3 Atualmente, o Comitê é constituído por Jacyra Andrade Mota, Diretora Presidente - Universidade Federal da Bahia; Silvana Soares Costa Ribeiro, Diretora Executiva - Universidade Federal da Bahia - e pelos Diretores Científicos: Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará/Universidade de Brasília); Alcides Fernandes de Lima (Universidade Federal do Pará), Aparecida Negri Isquerdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Conceição Maria de Araújo Ramos (Universidade Federal do Maranhão); Fabiane Cristina Altino (Universidade Estadual de Londrina); Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina); José de Ribamar Mendes (Universidade Federal do Maranhão), Marcela Moura Torres Paim (Universidade Federal Rural de Pernambuco/Universidade Federal da Bahia); Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal da Paraíba); Marilúcia Barros de Oliveira (Universidade Federal do Pará); Regiane Coelho Pereira Reis (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul); Valter Pereira Romano (Universidade Federal de Santa Catarina); Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina).

4 Os Sistemas de Informações Geográficas são instrumentos de análise espacial que se configuram como uma das Geotecnologias mais utilizadas e completas

2016, o ALiB passou a ser comercializado pela Editora da Universidade Estadual de Londrina, na versão digital, como e-book.

No que se refere à sua função social, o ALiB possui uma contribuição significativa ao possibilitar a reflexão acerca de antigos preconceitos sobre sotaques e, sobretudo, ajudar a esclarecer a ideia inadequada em relação aos juízos de valores que denunciam noções equivocadas dos falares “correto”, “incorreto”, “horroroso” e “lindo” e discriminações sociais com base na realidade da língua. Nesse contexto, o papel da escola é de extrema importância para implementação desse olhar que atenda às necessidades da variabilidade linguística, como elucida Bagno (2002):

[...] parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, p. 32).

A escola pode preencher os espaços entre a língua oficial e suas variantes, sendo os professores grandes atores nesse processo, explicando e mostrando as diferenças existentes na língua e demonstrando a relevância de se saber o que é, para que serve e como ocorre a variação linguística no país. Para tanto, é importante apresentar uma concepção de língua como lugar de interação, em que os sujeitos são os atores, construtores sociais, onde a comunicação linguística passa a ser considerada o próprio lugar da interação e os interlocutores, como

da atualidade, sendo utilizados por diferentes profissionais ligados às áreas de meio ambiente, demografia, transportes, engenharias.

sujeitos ativos que nela se constroem e são construídos na natureza histórico-social e dialógica da fala.

Como a pesquisa de natureza dialetológica investiga o uso da língua no seio da comunidade de fala, podendo auxiliar na reflexão sobre o ensino-aprendizagem da língua portuguesa, enfatizando a variação, acredita-se que o uso dos dados, disponibilizados no Atlas Linguístico do Brasil, contribua para formação de professores e educadores com foco na humanização das relações e para a diminuição dos estigmas e preconceitos linguísticos por meio da compreensão de língua como um instrumento complexo, rico e diversificado de comunicação, de expressão e, sobretudo, de socialização.

O presente trabalho está dividido em cinco seções. A primeira corresponde à introdução. A segunda e a terceira fazem uma revisão dos aspectos teóricos que deram sustentação ao trabalho. Na seção seguinte, há uma proposta de como trabalhar a variação na carta linguística. Por fim, na última parte do texto, são feitas as considerações finais para a tarefa executada.

A LÍNGUA EM MOVIMENTO

O foco principal do estudo em pauta é de caráter aplicativo, colaborativo e interdisciplinar, visando a construção e a validação de propostas pedagógicas para o ensino-aprendizado da variação linguística no âmbito semântico-lexical. Assim, o intuito é propor atividades, a partir das cartas linguísticas publicadas, visando, principalmente, o despertar de uma consciência da variação linguística e do respeito à fala do outro através de atividades, de caráter didático, que coloquem em cena uma amostra da riqueza da língua portuguesa do Brasil para o universo escolar do estudante.

Esta proposta encontra-se alinhada às diretrizes e parâmetros da Base Nacional

Comum Curricular, que enfatiza a importância do estudo e da reflexão em torno da variação linguística: “Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo, e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem”. (Brasil, 2018, p. 86).

Dentre as dez competências gerais da educação previstas no documento norteador, há uma que se direciona, de maneira evidente, à variação linguística e ao preconceito linguístico. Essa competência direciona à prática de atividades que valorizem e respeitem a diversidade social, econômica, política e cultural, sem juízos de valores:

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 88).

No que se refere às competências específicas do componente de Língua Portuguesa, encontramos competências que os discentes devem desenvolver no intuito de refletir acerca da diversidade linguística, estando, de maneira explícita, as seguintes:

Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

[...]

Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual (BRASIL, 2018, p. 90).

É possível verificar que, nas competências citadas, há evidência da compreensão na concepção de língua entendida como maneira de interação e veículo de construção identitária de seus falantes em contextos comunicativos diversos. Enfoca-se, também, que a reflexão sobre a heterogeneidade linguística é necessária ao combate do preconceito linguístico, além de contemplar as diferentes práticas sociais que se estabelecem por meio de distintas modalidades de uso da língua.

Assim, dentre as habilidades propostas para o ensino fundamental consideradas como essenciais, percebemos que a variação linguística permeia todas as práticas de linguagem inseridas no componente curricular em estudo, contemplando oralidade, leitura, produção e análise linguística.

Na relação entre fala e escrita, o documento mostra a reflexão das variedades linguísticas em diferentes gêneros, relacionando a adequação da língua ao contexto comunicativo, objetivando a ampliação da competência comunicativa. Além disso, ressalta as relações de poder, dominação e preconceito que se realizam pela linguagem. O documento norteador expõe a necessidade do trabalho da variação linguística como um dos objetivos da educação básica, que é enfatizada desde a educação infantil até o ensino médio. Para tanto, é preciso que professor de língua portuguesa reflita com seus

estudantes, por exemplo, sobre as variedades linguísticas:

[...] cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de uma outra forma de falar o dialeto padrão, sem que isso signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social etc. Isso porque é preciso romper o bloqueio de acesso ao poder, e a linguagem é um de seus caminhos (GERALDI, 1997, p. 163).

Cabe evidenciarmos que, no que se refere à língua portuguesa, no nível fundamental, a BNCC não explicita a centralidade do ensino da gramática normativa, uma vez que se destaca a proposta do ensino voltado para leitura e escrita a partir das práticas dos multiletramentos que atravessam todas as práticas de linguagens, em diferentes esferas de atuação do ensino fundamental. O documento mostra a valorização da experiência do aluno, a partir das práticas sociais que o cercam, em distintas práticas de linguagem como a oralidade, com o intuito de que os estudantes possam utilizar a comunicação oral cotidiana em diferentes gêneros. Sobre isso,

[...] a língua oral não é uniforme, pois varia em função de diferenças de registros (formais ou informais), de diferenças regionais (relativamente numerosas na vastidão do território nacional), de diferenças sociais (determinadas pelo pertencimento a esta ou àquela camada social) (BRASIL, 2018, p. 64).

Além disso, enquanto usuário da língua, o estudante possui habilidade e competência para refletir sobre o uso linguístico, tornando-se um sujeito crítico e reflexivo na sociedade. Para isso, o papel da escola é importante, pois a variedade linguística que esse aluno traz do seu contexto necessita

ser respeitada e valorizada, sem que lhe seja privado o direito de aprender as variantes de prestígio. Como explicita Bortoni-Ricardo (2005):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15)

Nesse sentido, a BNCC esclarece a necessidade de um ensino contextualizado de língua na medida em que reconhece que os múltiplos usos da língua atendem a propósitos comunicacionais específicos. Para isso, o trabalho com os gêneros textuais é fundamental para se compreender como a heterogeneidade linguística se estabelece em diversas interações verbais, combatendo o preconceito linguístico a partir do respeito à diversidade linguística e à cultura em que se inserem alunos e professores. No que se refere à relação entre diversidade linguística e cultura, esse documento mostra o patrimônio linguístico e cultural do Brasil advindo das muitas línguas existentes nesse país:

Ainda em relação à diversidade cultural, cabe dizer que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país — indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira. No Brasil com a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, oficializou-se também a Língua Brasileira de Sinais (Libras), tornando possível, em âmbito nacional, realizar discussões relacionadas à necessidade do respeito às particularidades linguísticas da comunidade surda e do uso dessa língua nos ambientes escolares. Assim, é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e inter-

nacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico. Por outro lado, existem muitas línguas ameaçadas de extinção no país e no mundo, o que nos chama a atenção para a correlação entre repertórios culturais e linguísticos, pois o desaparecimento de uma língua impacta significativamente a cultura (BRASIL, 2018, p. 70).

Dessa forma, o documento expõe a necessidade de se reconhecer a diversidade linguístico-cultural do Brasil, propondo atividades que evidenciam a variação linguística através de distintas práticas de linguagens. Com as cartas linguísticas como corpus deste trabalho, a proposta é desenvolver atividades responsáveis por fazer os estudantes pensarem a língua e suas variações, compreenderem a língua e sua diversidade, identificarem contextos e adequações, verificarem as diferenças entre a língua falada e a escrita, com o objetivo de instigar o interesse pela riqueza que o universo da variação linguística propicia à língua.

O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL NA SALA DE AULA

Partindo da concepção de que a língua é um fenômeno social, pois nasce da necessidade de interação (política, social, econômica) entre os homens, pesquisadores buscaram aprofundar os conhecimentos linguísticos nas diferentes situações sociais e usos linguísticos. Nesse sentido, surge a Dialetoлогия, ramo dos estudos linguísticos que estuda a língua, prioritariamente, do ponto de vista diatópico, mas também levando em consideração os fatores relacionados à faixa etária (variação diageracional), ao sexo (variação diassexual), ao nível de escolaridade (variação diastrática) dos falantes de uma língua e ao contexto comunicativo mais ou menos formal (variação diafásica), como

abordam Chambers e Trudgill (1994, p. 81-82):

Ao mesmo tempo em que a dialetologia começava a se deixar influenciar diretamente (ainda que levemente) pela linguística, também começava a se deixar influir indiretamente pelas ciências sociais. Alguns dialetólogos começaram a reconhecer que se havia posto numa ênfase na dimensão espacial da variação linguística, excluindo-se, em consequência, a dimensão social. Gradativamente isto se impôs como um juízo para alguns estudiosos, uma vez que a variação social na língua é tão importante quanto a variação espacial. (CHAMBERS e TRUDGILL, 1994, p. 81-82)

Assim, a variação diageracional pode ser revelada por meio da seleção de palavras conforme a idade, como apontam as escolhas entre *ruge* e *blush* para o cosmético que serve para deixar as bochechas mais rosadas. Também pode estar presente na variação diassexual, quando um homem, ao ser perguntado sobre o nome do cosmético que se usa para deixar as bochechas mais rosadas, responde *maquiagem*, de forma genérica, pelo fato de esse produto não fazer parte do seu universo, por exemplo, como revelam os dados das cartas publicadas em Cardoso et al (2014).

Como expõe Cardoso (2010, p. 131), a Dialetoлогия no Brasil remonta ao século XIX, com o seu primeiro estudo realizado por A. Balbi em 1826 sobre o português brasileiro. Desde então, seus estudos dialetológicos concentravam-se especificamente no léxico. Somente em uma segunda fase é que os aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e fonético-fonológicos passaram a ser abordados, tendo como marco as publicações de Amaral (1920) como *O dialeto caipira*, *O linguajar carioca* por Nascentes (1922) e *A língua do nordeste* por Marroquim (1934). Nascentes (1952) propôs uma divisão na história da Dialetoлогия brasileira, que compre-

ende o período de 1826 a 1920 e o período de 1920 até os dias atuais. No entanto, Mota e Cardoso (2006) propuseram mais duas fases, a terceira, que teve como início a publicação do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que estabeleceu a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil como uma das tarefas da Comissão de Filologia Casa de Rui Barbosa. É importante destacar que, devido a diversos fatores, não foi possível elaborar um atlas linguístico a nível nacional, por isso optou-se pela elaboração de atlas regionais, tais como o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB); Esboço do Atlas Lingüístico de Minas Gerais (EALMG); o Atlas Lingüístico da Paraíba (ALPB); o Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS), e o Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR).

Com o intuito de atender às diretrizes estabelecidas no Decreto nº 30.643 de 1952, foi dado início, em 1996, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), durante o Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, por meio da formação de um Comitê Nacional. O projeto ALiB surge principalmente pela necessidade de documentar a realidade linguística do país. Fundamentado nos princípios da Geolinguística pluridimensional, o projeto dá ênfase às variantes diatópicas, mas sem deixar de lado os fatores sociais que estão atrelados.

Em uma abordagem complementar, Teles (2018) propõe uma quinta fase que tem como marco inicial a publicação dos dois volumes do Atlas Linguístico do Brasil em 2014. Esta proposta se fundamenta na quantidade significativa de pesquisas realizadas na área da Dialectologia e Sociolinguística, bem como na expansão desses estudos para outras regiões e sua interação com diversos campos do conhecimento como, por exemplo, a Geografia, a Antropologia.

Os objetivos do Projeto ALiB apresentam-se como gerais e específicos, segundo Cardoso et al (2014, p. 23-24), os gerais consistiram em:

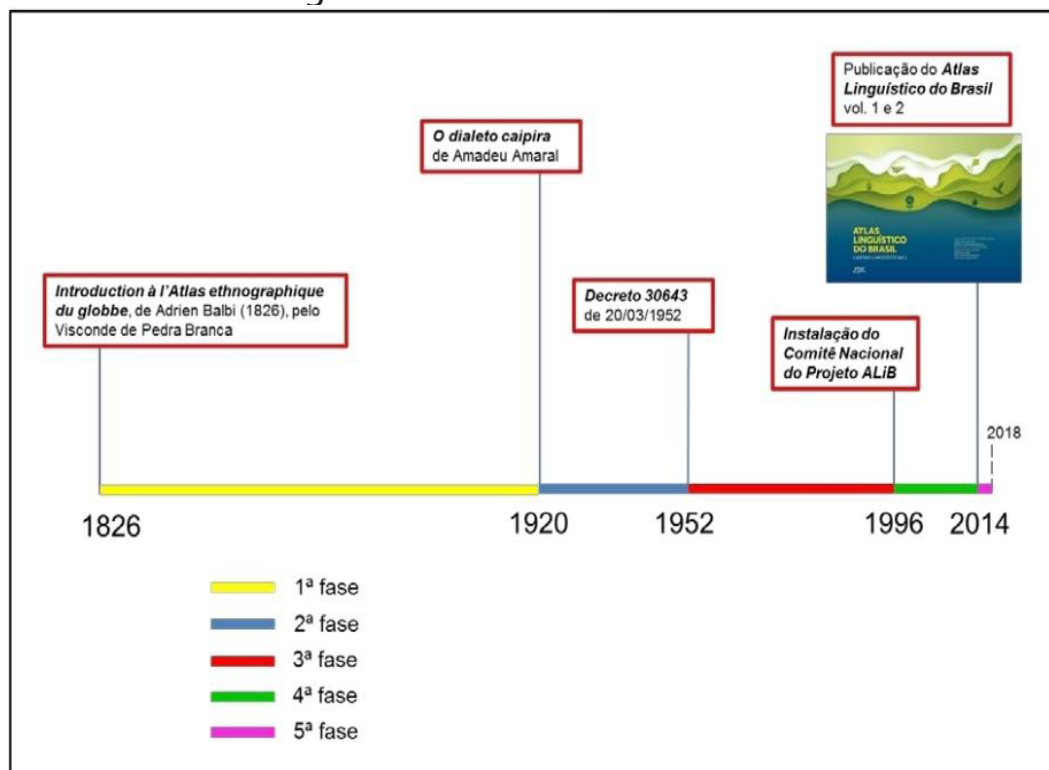
- Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, diastráticas e diageracionais (fônicas, inclusive prosódicas, morfossintáticas, léxico-semânticas), consideradas na perspectiva da Geolinguística pluridimensional;
- Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos e das demais áreas dos estudos linguísticos), aos pesquisadores de áreas afins (História, Antropologia, Sociologia) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil (Cardoso et al, 2014, p. 23).

Já os objetivos específicos compreenderam:

- Descrever a realidade linguística do português do Brasil com vistas a identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos característicos da diferenciação ou definidores da unidade linguística no território nacional;
- Estabelecer isoglossas, com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados;
- Registrar, com base na análise em tempo aparente, processos de mudança;
- Identificar fenômenos linguísticos localizados e específicos de áreas com vistas a estudar as suas repercussões no ensino-aprendizagem da língua materna;
- Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento — história, sociologia, antropologia —, com vistas a fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil. (Cardoso et al, 2014, p. 23).

O presente trabalho está ligado aos objetivos do referido projeto, ao propor atividades com as cartas linguísticas publicadas no ALiB, com a finalidade de auxiliar o

Figura 1 – Fases da Dialectologia



Fonte: Teles (2018, p. 81)

Quadro 1 – Possibilidades de análises com o corpus do Projeto ALiB

ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL			
Níveis linguísticos	Níveis extralinguísticos	Campos semântico-lexicais	Questionários/Cartas
- Fonético-fonológico	- Espacial (<i>variação diatópica</i>)	1. Acidentes geográficos	- Questionário Fonético-Fonológico (QFF)
- Semântico-lexical	- Temporal (<i>variação diacrônica</i>)	2. Fenômenos atmosféricos	- Questionário Semântico-Lexical (QSL)
- Morfossintático	- Sexual (<i>variação diassexual</i>)	3. Astros e tempo	- Questionário Morfossintático (QMS)
- Pragmático-discursivo	- Idade (<i>variação digeracional</i>)	4. Atividades agropastoris	- Cartas Fonéticas
- Metalinguístico	- Escolaridade (<i>variação diastrática</i>)	5. Fauna	- Cartas Lexicais
- Prosódico		6. Corpo humano	- Cartas Morfossintáticas
		7. Ciclos da vida	
		8. Convívio e comportamento social	
		9. Religião e crenças	
		10. Jogos e diversões infantis	
		11. Habitação	
		12. Alimentação e cozinha	
		13. Vestuário e acessórios	
		14. Vida urbana	

Fonte: Elaborado pela autora.

professor em sua prática docente, visando incrementar o desenvolvimento da sensibilidade dos estudantes reconhecerem e valorizarem a variação linguística existente em todo o território nacional. Fruto de um trabalho extensivo dos seus autores, o atlas reflete a variação linguística em diferentes níveis e campos lexicais da língua portuguesa, por meio da aplicação de questionários linguísticos que permeiam distintas perspectivas de investigação, a saber:

Como é possível visualizar, o atlas exibe a fotografia da língua portuguesa, num dado momento e numa área geográfica particular, pois possibilita diferentes perspectivas de análises nos diferentes níveis linguísticos e extralinguísticos. A pesquisa, em andamento, no que diz respeito aos procedimentos metodológicos, utilizada as 21 cartas lexicais, de distintas áreas semânticas, para elaboração de diferentes atividades, como, por exemplo, bingo lexical, caça palavras, advinhas, fichas cartográficas, com o intuito de compor um caderno de propostas pedagógicas para ser usado nas aulas de língua portuguesa.

No exemplo da carta lexical, a seguir, é possível verificar o registro de cinco variantes lexicais para o inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas de noite, nas capitais brasileiras.

Na carta lexical de número 14, presente na figura 2, há uma fotografia da variação linguística no Brasil, evidenciando as denominações registradas para “pernilongo” em todas as cinco regiões do território nacional. A denominação é diversa, como revelam as variantes “pernilongo”, “mosquito”, “muriçoca”, “carapanã” ou “praga”, entre outros. A ocorrência de cada variante é exposta pelas cores, indicando a incidência em cada capital e, logo a seguir, vem a pergunta do inquiridor ao colaborador. Na parte superior do atlas, ficam o número da carta linguística e a indicação se é fonética (F), morfossintática

(M) ou lexical (L), neste caso apresentado, é carta lexical (L14).

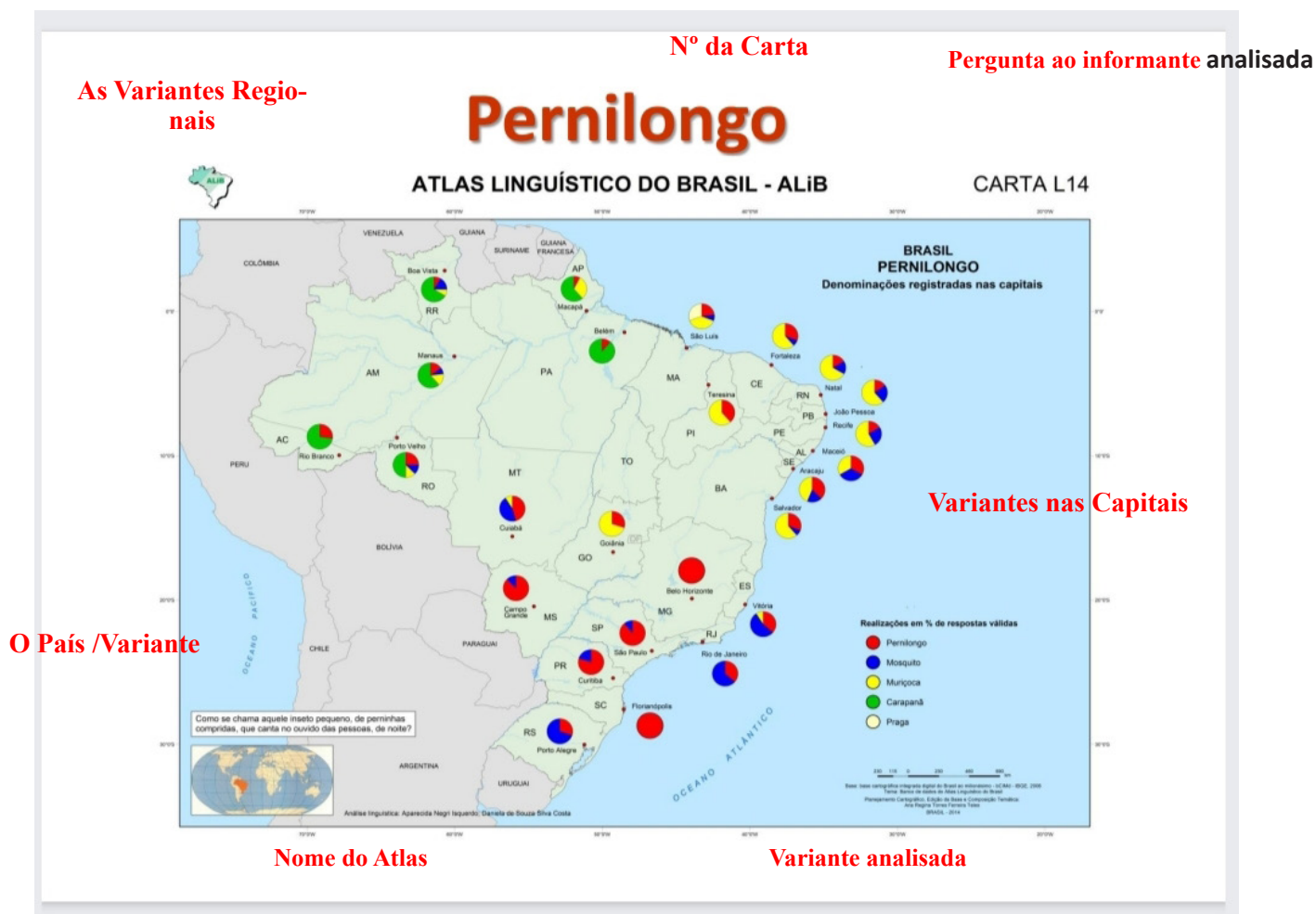
A carta apresentada fornece subsídios para reflexões acerca da manutenção das denominações de base indígena, como carapanã e muriçoca, nas regiões que ainda concentram grande contingente de populações indígenas. Além disso, é possível ratificar o fato de a expansão de uma variante lexical acompanhar as mudanças sociais decorrentes de processos migratórios, como é o caso de muriçoca em Goiânia, provavelmente motivado pela influência nordestina nessa capital, fortalecida em meados do século XX.

Como é possível observar, numa carta linguística, há dados necessários para o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística que está relacionada às questões geográficas no país, auxiliando o ensino e o aprendizado da língua portuguesa numa proposta interativa e de uso social, mostrando como abordar a questão da variedade linguística por meio das cartas. Nesse sentido, a proposta de usar o atlas, na sala de aula, é importante para proporcionar a compreensão da língua, de suas variantes, esclarecendo, para o educando, que a aprendizagem do português na escola dará oportunidades de ter contato com a diversidade, sem juízos de valores.

EXPLORANDO A VARIAÇÃO NA CARTA LINGUÍSTICA

Nesta seção, são expostos os resultados parciais obtidos, a partir de uma aplicação dessas atividades preliminares em oficinas de variação e ensino, no âmbito de cursos de extensão, na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Esses cursos, que possuem como público-alvo estudantes da graduação e professores, auxiliam no desenvolvimento profissional docente e do educador pela formação inicial e continuada, a

Figura 2 – Carta lexical L14 do Atlas Linguístico do Brasil



Fonte: CARDOSO et al. (2014).

Figura 3 – Proposta de atividade com a carta do ALiB



ATIVIDADE
SEGUINDO AS INSTRUÇÕES PASSO

Fruta que se descasca com a mão, de cheiro forte



Contexto

Nível Linguístico:	Léxico-semântico	Níveis Extralinguísticos:	Geográfico	Campo semântico:	At. Agropastoris
			Temporal		
			Sexo		
			Idade		
			Escolaridade		
			Tipo de carta:	Lexical	
Contexto	Como se chamam as frutas menores que a laranja e se descasam com a mão e geralmente deixa cheiro na mão? Como elas são?			Educando:	
	Colaboradores ALiB Tangerina /Mexerica Poncã / Maricota				
Porcentagem	Norte: tangerina	Nordeste: tangerina	Sul: outros	Sudeste: mexerica	Centro-oes- te: poncã

Denominações registradas nas capitais

O País
Contexto

Nº da carta

Localidades

Análise das Cartas Linguísticas	Maior incidência:		Variante: tangerina
		Capital: Rio de Janeiro; Macapá, Boa Vista	
	Menor incidência:		Variante: Maricota
		Capital: Cuiabá	
	Nosso Estado PE:		Variante mais falada: mexerica
		Variante menos falada: tangerina	
	Por que ocorrem estas variedades?	Possível Resposta: Porque a língua é heterogênea, muda, conforme o lugar, a geração, a escolaridade, a história	
	Relação das variedades extralinguísticas:	A variante recebe influência, conforme os níveis extralinguísticos: histórico, geracional, sexo e escolaridade:	

A Compreensão do Educando acerca da variação linguística no ALiB

O ser humano tem maior capacidade de percepção e aprendizado através de elementos visuais e não textuais. Por ser auto explicativo, as cartas linguísticas trazem a noção de que a imagem vale mais que mil palavras.

Fonte: Elaborado pela autora.

partir de conhecimentos teórico-práticos, de aprendizagens didático-pedagógicas, promovendo a reflexão sobre conhecimentos, experiências e saberes para lidar com os atuais desafios profissionais. Essas experiências práticas revelam que explorar as cartas lexicais do ALiB proporcionam o conhecimento e a valorização da pluralidade do português brasileiro, bem como a conscientização acerca da importância do combate ao preconceito linguístico

Após selecionar a carta a ser explorada na sala de aula, os estudantes foram incentivados a refletir acerca dos níveis linguísticos e extralinguísticos e do campo semântico a ser contemplado na carta, antes de visualizá-la. Além de debater com o intuito de investigar se há o conhecimento sobre outras denominações, para as frutas menores que a laranja que se descascam com a mão e geralmente deixam cheiro forte para criar uma expectativa nos alunos de ver se o que eles falaram está na carta, em quais lugares etc.

As cartas foram analisadas em formato de ficha para despertar, nos educandos, o interesse pelo conteúdo, estimulando a par-

ticipação deles durante a oficina.

Na atividade exposta, a cor vermelha sugere possível encaminhamento de respostas. O primeiro aspecto que pode ser explorado, em sala de aula, está ligado à estrutura da carta. Nessa etapa, chamou-se a atenção para a localização das partes que a compõem: contexto da pergunta, nome do atlas, numeração da carta, variantes registradas, questão formulada que ocasionou as respostas dos informantes entrevistados, os pesquisadores que se dedicaram ao estudo da questão em foco.

Com o intuito de explorar a leitura interpretativa, houve o direcionamento para uma análise quantitativa, motivando os estudantes a observar as variantes mais predominantes por capital, por região e no local onde ele reside com o objetivo de incentivar a compreensão do educando acerca da variação linguística para que ele perceba que pode haver a inserção de formas regionais em diferentes áreas, como resultado da grande mobilidade da população brasileira representada pela intensa migração interna ocorrida em todas as direções, no Brasil,

nos últimos 30 anos. Uma outra possibilidade de trabalho foi o incentivo para que os estudantes verificassem se as variantes presentes na carta e as conhecidas por eles estavam registradas em diferentes dicionários de língua portuguesa.

O estudo, dessa maneira, segue os métodos adotados pelo Projeto ALiB, que se fundamenta nos princípios da Dialectologia Pluridimensional, como expõe Cardoso (2010, p. 169), priorizando a variação espacial, mas, ao mesmo tempo, atentando para as implicações de natureza social que devem ser consideradas no estudo da língua. Assim, a carta linguística pode ser um instrumento que auxilia o professor no processo de ensino, proporcionando, aos educandos, a ampliação de sua competência comunicativa, levando sempre em conta a relação destes com o meio em que estão inseridos, de forma crítica, mais consciente e sistematizada, ressaltando e dialogando sempre com a realidade que permeia a localidade em que o estudante reside, conforme aborda um dos objetivos do ALiB ao chamar atenção para necessidade de oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um imenso volume de dados que permita a atualização das informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica, possibilitando a adequação da sua produção à realidade cultural de cada região, contribuindo para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na interação que a língua se realiza e se mostra diversa. Nessa perspectiva, a escola deve valorizar a gramática internalizada do aluno e sujeitá-lo ao maior número possível de experiências linguísticas, priorizando todas as outras formas de expressão. Uma

das formas de concretizar isso é promover o desenvolvimento profissional docente e do educador pela formação inicial e continuada, a partir de conhecimentos teórico-práticos, de aprendizagens didático-pedagógicas e de vivências e experiências, proporcionando a reflexão sobre conhecimentos relativos à diversidade linguística.

Nesse sentido, é importante que o professor compreenda o quão fundamental é a introdução de estudos sobre a variação linguística e como o Atlas Linguístico do Brasil pode ser utilizado, em suas práticas pedagógicas, para o desenvolvimento da expressividade nas atividades, da capacidade de compreender a língua como fenômeno dinâmico e funcional. Afinal, ao desenvolver atividades a partir das cartas lexicais do atlas, é possível levar o estudante a refletir sobre sua própria língua e sobre a diversidade de outras formas de expressar-se nessa língua, pois o léxico é um elemento importante para a compreensão da realidade física e sociocultural de uma comunidade de falantes com características distintas.

Por fim, espera-se, humildemente, que as contribuições deste trabalho possam auxiliar os professores de Língua Portuguesa a enriquecer sua prática didático-pedagógica e despertar o seu interesse de encantar seus estudantes pelos caminhos do Atlas Linguístico do Brasil.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BORTONI-RICARDO, Stella. Maris. Sociolinguística em sala de aula. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica (SEB). Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/ SEB, 2018.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva.

Língua: meio de opressão ou de socialização? In: FERREIRA, Carlota et al. Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p. 229-233.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O projeto ALIB e sua trajetória. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (org.). Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. Salvador: Quarteto, 2006. p. 27-34. Disponível em: <https://ALiB.ufba.br/sites/ALiB.ufba.br/files/documentos.pdf>. Acesso em: 26/03/2024.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. Geolinguística: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. Atlas linguístico do Brasil: introdução: volume 1. Londrina: EDUEL, 2014.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. La dialectología. Madrid: Visor Libros, 1994.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.

xxxx. Autor 2.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes. 2018. 485 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William, & HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. Austin: University of Texas Press, 1968.

Submissão: abril de 2024.

Aceite: abril de 2024.